

**Da utopia ao sonho de identificar marcas sócio-linguístico-culturais dos
ribeirinhos da Resex do lago do Cuniã**

Maria das Neves Oliveira de Souza
E-mail: maryaneves@hotmail.com
Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Resumo

Esta pesquisa objetiva apresentar as etapas desenvolvidas do projeto “Marcas sócio-linguístico-culturais dos ribeirinhos da Amazônia rondoniense”, que será realizada na comunidade da reserva extrativista do lago do Cuniã, tendo como sujeitos os moradores do lago. O referencial teórico abrange estudos de Labov, Lyons, Pessoa, etc. A pesquisa será sociolinguística quantitativa e qualitativa. Os instrumentos utilizados serão: observação participante, entrevista semiestruturada, conversas informais (diários de campo). E, para registro dos dados serão utilizadas fichas, caderno de anotações, câmera fotográfica digital e gravador.

Palavras-Chave: Língua, cultura, ribeirinho.

Abstract

This research aims to present the steps of the project developed "Marks socio-cultural-linguistic riverside Rondônia in the Amazon," which will be held in the community of Lake of the Extractive Reserve Cuniã, having as subject the residents of the Lake. The theoretical studies include Labov, Lyons, person, etc. The survey will qualitative and quantitative sociolinguistics. The instruments will be used: participant observation, semi-structured interviews, informal conversations (field day). And for the record data will be used chips, notebook, camera and digital recorder.

Keywords: Language, culture, riverside.

Introdução

Alcançar a compreensão mais crítica da situação de opressão ainda não liberta os oprimidos. Ao desvendá-la, contudo, dão um passo político pela transformação das condições concretas em que se dá a opressão.

(Paulo Freire)

Os vales do Guaporé, Mamoré e Madeira compreendem uma região muito extensa que permaneceu isolada por muito tempo, contribuindo várias raças para a

sua formação cultural. Esse universo de águas, florestas, planícies e serras foi palco de uma cultura diferente daquela dos grandes centros urbanos, bem como daquelas regiões com características distintas.

Qualquer língua é representada por um conjunto de variedades, transformando-se no tempo e modificando-se no espaço. Em se tratando de língua falada, as variações são maiores, uma vez que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. De fato, o Brasil é um país amplamente conhecido principalmente pela diversidade cultural e miscigenação de vários povos, que resultou em diferentes etnias. A diversidade cultural e a pluralidade étnica é tão arraigada que, estados distantes geograficamente muitas vezes parecem países diferentes.

A necessidade de conhecer a linguagem é muito antiga, sendo expressa segundo Petter (2003, p. 12) de variadas formas, seja através de mitos, cantos, rituais, lendas e, mais contemporaneamente, por estudos científicos, que visam conhecer essa capacidade humana. O fascínio que a faculdade de linguagem sempre exerceu sobre o homem, de acordo com Fiorin (2007, p. 11) vem do poder que permite a ela, não apenas nomear/criar/transformar o universo real, mas também possibilita trocar experiências. A linguagem verbal, nessa perspectiva, é a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social.

É fazendo uso da língua que o homem expressa suas ideias, de sua geração, da comunidade a que pertence, as idéias do seu tempo. Utiliza-a constantemente seguindo uma tradição que lhe foi transmitida, contribuindo para sua renovação e constante transformação. Cada falante é, na concepção de Brandão (1991, p. 6) a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara. Ora, diz Calvet (2002, p. 12), “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Assim, é possível afirmar que, na língua, se projeta a cultura de um povo, compreendendo-se cultura no sentido mais amplo.

A língua é notadamente um dos instrumentos indispensáveis na construção da identidade do cidadão, tendo na linguagem, escrita ou oral, de narrativas pessoais, um poderoso instrumento de descobertas, fato percebido por Labov, quando começou seus estudos na área da Linguística:

Quando eu comecei na Linguística, eu tinha em mente uma mudança para um campo mais científico, baseado na maneira como as pessoas usavam a [língua] na vida cotidiana. Quando eu comecei a entrevistar pessoas e gravar suas falas, descobri que a fala cotidiana envolvia muita variação linguística, algo com que a teoria padrão não estava preparada para lidar. As ferramentas para estudar a variação e a mudança sincrônica surgiram dessa situação. Mais tarde, o estudo da variação linguística forneceu respostas claras para muitos dos problemas que não eram resolvidos por uma visão discreta da estrutura linguística. (2007, p.25).

Percebe-se que Labov utilizou um dos instrumentos de pesquisa para suas descobertas no campo da Linguística; especialmente, buscou na linguagem cotidiana das pessoas o que havia de diferente, o que ele mesmo depois chamou de variação linguística. Dessa forma, entende-se que ela não deve ser considerada como um simples instrumento de comunicação. Trata-se, sim, de instrumento emancipador, permitindo às comunidades lutarem e defenderem seu espaço em todos os sentidos, sejam eles ideológicos, políticos e históricos.

Nessa perspectiva, a relevância de um estudo de aspectos sociolinguísticos dos povos ribeirinhos, justifica-se pelo interesse em manter viva esta cultura. É indiscutível que a população residente às margens do Rio Madeira é fruto de um grande fluxo migratório proveniente de variadas regiões do país. Essa miscigenação fez com que a comunidade absorvesse múltiplas características, havendo assim uma diversidade de traços culturais e linguísticos. Assim, o que motiva a realização do estudo foi a necessidade de preservação dessa língua e cultura, pois com o avançar dos anos as marcas sociais, históricas e linguísticas vão desaparecendo. Acredita-se, pois, que a pesquisa Sociolinguística nestas comunidades ribeirinhas contribui não somente para o conhecimento da situação sociolinguística dessas comunidades, mas também manter viva a língua e cultura desses povos.

Marcas Sócio-linguístico-culturais

Em um país como o Brasil, compreender o contexto de formação de suas diversas regiões possibilita o reconhecimento das diversas identidades do seu povo. Tais identidades, muitas vezes ocultas, revelam-se à medida que as pessoas promovem relacionamentos, surgindo daí a necessidade de definir seus espaços.

Pessoa (2009, p. 173-174) fala-nos sobre as marcas que compõem nossas histórias de vida, enfatizando que “*todos nós temos uma linguagem, fazemos parte*

de uma sociedade e temos uma cultura que é marca da história de nossas vidas". Entende-se que essas marcas não podem ser descartadas ao longo da vida desses indivíduos, pois são, segundo Xavier (2010, p. 3) "essenciais na identificação dos comportamentos e atitudes de todo ser humano".

É por meio da cultura que os diferentes povos se organizam e transmitem no âmbito familiar de geração a geração seus costumes e tradições nas diversas áreas a exemplo dos alimentos, das vestimentas, das tecnologias, das arquiteturas, das moradias, das festas, das danças, das religiões, dos mitos, dos preconceitos e das linguagens, entre outros.

Tais costumes e tradições, manifestados no que a sociedade compreende numa condição mais ampla de diversidade cultural, se concretiza em cada lugar, cidade, estado, país e continente como os aspectos, as características históricas e geográficas próprios daquela população e são reconhecidos mundialmente como tal pela sociedade.

Sociedade de acordo com Lopes

... é o agrupamento de indivíduos entre os quais se estabelecem relações econômicas, políticas e culturais. Numa sociedade existe unidade de língua e cultura e seus membros obedecem a leis, costumes e tradições comuns, unidos por objetivos que interessam ao conjunto, ou às classes que nele predominam. Em sentido estrito, confunde-se com a comunidade política que vive num estado nacional e seus limites são as fronteiras políticas e geográficas do estado. A idéia de sociedade pressupõe um contexto de relações humanas no qual ocorre a interdependência entre todos e cada um de seus componentes, que subsiste tanto pelo caráter unitário das funções que cada membro desempenha como pela interiorização das normas de comportamento e valores culturais dominantes em cada comunidade. (2010, p. 2).

No entanto, por mais que uma cultura se diferencie da outra, se apresente com abrangência e predominância em determinado espaço geográfico há que se reconhecer a existência localizada, num lugar menor e específico, com quantidade de pessoas, via de regra pequena comparada à população daquele lugar, que mantém viva sua cultura em qualquer outro lugar e sociedade. A título de exemplo, podemos citar os árabes que moram no Brasil e praticam seus costumes e tradições de berço.

Há que se reconhecer ainda, em relação à diversidade cultural o esforço dos diferentes povos em assegurar e em reproduzir o espaço geográfico onde passam a habitar aos moldes dos lugares de origem.

Neste sentido vemos em nosso estado, Rondônia, por exemplo, concretizado por meio dos tipos moradias, arquitetura, tonalidade das cores, organização de jardins, calçadas, técnicas de cultivos de áreas agrícolas, formas de comércio, destacamos aqui os municípios denominados de interior, pois somos um estado que se formou por meio da predominância de povos migrantes, sejam eles das diferentes regiões brasileiras ou de outros países, particularmente no “1º ciclo da borracha no período de 1877 a 1910 e do 2º ciclo 1939 a 1945 quando da exploração da borracha” (OLIVEIRA, 2001, p. 41-51).

Outro aspecto que devemos reconhecer quanto a diversidade cultural, que inclusive tem sido uma realidade, são as práticas de algumas sociedades que em defesa de seus ideais e convicções, que nem sempre são comuns a membros de outras culturas, resultam em conflitos e guerras, tornando-se assim um fato histórico mundial em função da abrangência, do tempo de duração e dos danos que causam aos envolvidos diretamente ou indiretamente.

Na verdade o cuidado que devemos ter seja na condição de indivíduo ou de coletividade, ao tratar da diversidade cultural na sociedade é de não menosprezar, julgar que um povo é melhor ou pior, certo ou errado, apenas são diferentes. Sendo assim o melhor caminho a ser trilhado perpassa por conviver e respeitar, pois cada sociedade tem a sua contribuição para com a humanidade.

Nesse sentido, a primeira etapa a ser realizada para respeitar e valorizar o Outro consiste em dar oportunidades de acesso à educação formal nas escolas, sendo este o local privilegiado do saber, onde as práticas educativas de todas as culturas se encontram. Dessa forma, é indispensável a tomada de consciência por aqueles que compõem as estruturas educacionais brasileiras, da grande missão que lhes é confiada: SER PROFESSOR, e, mais ainda, Professor de Língua Portuguesa. O aporte necessário para que observemos que a valorização do Outro começa pela valorização de sua linguagem é referenciado por Pessoa, que afirma:

A partir da constatação de que a valorização da diversidade lingüística é imprescindível para que os educandos se sintam valorizados e acolhidos, bem como para que aprendam a valorizar e a acolher, afirmamos e acreditamos que não há disciplina escolar que acolher, afirmamos e acreditamos que não há disciplina escolar que mais se volte para essa

temática do que o ensino de Língua Materna, neste caso da Língua Portuguesa (...) é com essa maravilhosa Língua Portuguesa que fazemos todas as nossas aprendizagens ao longo da vida. (2009, p. 167-8).

Tais aprendizagens citadas por Pessoa tornam-se mais ou menos significativas, na medida em que no processo de ensino-aprendizagem, o educando sinte-se realmente envolvido, a fim de perceber o poder que lhe é revestido através de sua linguagem, seja ele ribeirinho, migrante, imigrante, indígena, seja qual for a etnia. Realmente importa, conforme Xavier (2010, p. 19) “a clareza de que sua vida, seu modo ser, seu lugar e seu papel na sociedade é definido, quase sempre, de acordo com a relação que o indivíduo estabelece com a linguagem”. É, portanto, através da intimidade (maior ou menor) que se tem com a língua(gem) “que este indivíduo será julgado pela sociedade que lhe recebe, porém, não o inclui”.

O Brasil tem como língua oficial o Português, entretanto, em cada uma das partes do país notamos que há variações linguísticas caracterizadas pela miscigenação étnica. Nesse sentido, Bagno afirma que:

A verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não por causa da grande extensão territorial do país – que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito – mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil. O segundo país com a pior distribuição de renda em todo mundo. (2003, p. 16).

Nota-se, então, que a língua possui uma multiplicidade de variações, indispensáveis à formação da sociedade. As particularidades da língua, em dada comunidade linguística, apresentam grandes diferenças e essa comunidade é responsável pelos regionalismos, pela variação sócio-linguístico-étnico-cultural que, segundo Preti, conduzem a uma oposição fundamental:

... linguagem urbana e linguagem rural. A primeira cada vez mais próxima da linguagem comum, pela ação decisiva que recebe dos fatores culturais (escola, meios de comunicação de massa e literatura). A segunda, mais conservadora e isolada, extinguindo-se gradualmente. (1982, p. 19).

É, nessa perspectiva, a língua do povo onde se apresentam refletidas as representações e construções de uma sociedade, constituindo-se assim em um dos bens mais preciosos.

A linguagem é ideológica, social, histórica e cultural e que está vinculada à vida do ser humano, ou seja, é impossível negar a relação existente entre Linguagem, Sociedade e Cultura. Pessoa afirma que a existência dessa relação indissociável entre Linguagem, Cultura e Sociedade.

Todos nós temos uma linguagem, fazemos parte de uma sociedade e temos uma cultura que é marca da história de nossas vidas. Ninguém pode negar essa indissolubilidade que há entre a linguagem e a sociedade, ou melhor, ainda, não há como nos negarmos a confirmar essa relação profunda onde tais especificidades se juntam para culminar na expressão máxima da história da humanidade. (2009, p. 173).

Por isso, a “linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura, e é o principal instrumento para sua transmissão” (SOARES, 2002, p. 16). O homem se realiza pela cultura. No entanto, é fato que a linguagem se diferencia dependendo do contexto onde se vive. A identidade do indivíduo é construída a partir da cultura. Nesse sentido, esse aspecto é importante para a construção da concepção de mundo dos seres humanos.

A esse respeito Calvet (2002, p. 12) nos informa que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”, ou seja, a linguagem reflete as estruturas sociais, na qual está inserida. Reafirmando a citação de Calvet, “as línguas em si só podem ser completamente entendidas no contexto das culturas nas quais elas estão encaixadas inextricavelmente; assim, linguagem e cultura são estudadas juntas” (LYONS, 1987, p. 293).

Sendo assim e considerando a quantidade de áreas, a abrangência geográfica que a diversidade cultural se manifesta e se concretiza por meio dos diversos grupos sociais nas diferentes sociedades neste trabalho nos ateremos, especificamente, à linguagem do povo, pois o que buscamos neste trabalho são as Marcas Sócio-linguístico-culturais dos Ribeirinhos da Amazônia Rondoniense.

A Pesquisa Sociolinguística

Bem sabemos que a Sociolinguística é a parte da Linguística que faz seus estudos enfocando a Língua, a Cultura e a Sociedade. De modo que, segundo Pessoa:

Podemos afirmar que Língua e Sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra. É no seio da sociedade, com suas peculiaridades e afinidades, que as falas fluem, que a interação ocorre. (2009, p. 153).

A partir desta perspectiva, a pesquisa sociolinguística prima por levar em consideração os aspectos sociais, culturais e linguísticos que caracterizam um povo, buscando compreender a que diferencia uma comunidade de outra, possibilitando vislumbrar características únicas da Linguagem, da Cultura e da Sociedade a ser pesquisada.

Optou-se por utilizar nesta pesquisa o modelo teórico da Sociolinguística Quantitativa, a luz dos princípios de Labov (2007, p. 215), onde ele nos diz que “a língua é uma forma de comportamento social”, portanto, sua proposta teórico-metodológica busca verificar as variações que ocorrem na língua, sendo que o principal objetivo é analisar e descrever variantes usadas em uma comunidade de fala. Grosso modo, mensurar, compilar os dados coletados.

Contudo e, principalmente, utilizaremos o modelo teórico da Sociolinguística Qualitativa, teoria metodológica utilizada por Malinowski, cujo enfoque não está na língua como sistema, mas na relação dos sujeitos com ela, assim, a pesquisa para este estudioso deve ser “franca, sincera e imparcial” Malinowski (in: Desvendando Máscaras Sociais, s/d, p. 39).

Portanto, serão levados em consideração o princípio de interação constante entre o pesquisador e a realidade pesquisada, proporcionado pelos procedimentos utilizados a partir dos instrumentos: observação participante, entrevista semi-estruturada, conversas informais (diários de campo). E, para registro dos dados serão utilizadas fichas, caderno de anotações, câmera fotográfica digital e gravador.

O Trajeto Realizado

Para a delimitação do local para a realização da pesquisa “Marcas sóciolinguísticas-culturais dos Ribeirinhos da Amazônia Rondoniense” foi necessário recorrer a historiadores que conhecessem de forma mais aprofundada a história do Estado de Rondônia, neste caso, o professor Doutor Marco Antônio Domingues Teixeira, o qual contribuiu para a escolha do local, uma vez que, a comunidade do

Lago do Cuniã ainda pode ser considerada como uma população tradicional, fator importante para o trabalho a ser realizado.

Iniciou-se então a busca por informações acerca de órgãos responsáveis pelo local, já que se trata de uma Reserva Extrativista Federal (Resex). Após alguns contatos por telefone, chegou-se ao Instituto Chico Mendes (ICMBIO), órgão responsável pela Resex do Lago do Cuniã, onde se conseguiu algumas informações sobre os critérios para realizar a pesquisa no local, identificando-se três passos fundamentais e até, podemos dizer, obrigatórios para que fosse possível receber a autorização para desenvolver o projeto de pesquisa:

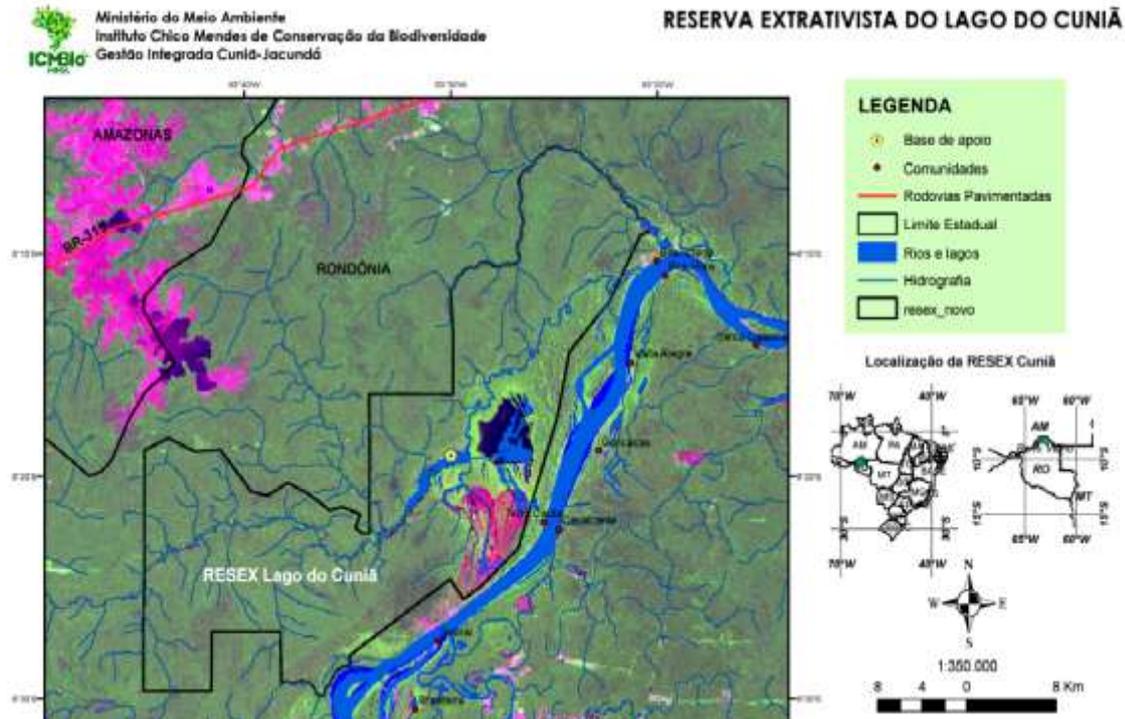
1. Apresentação do projeto de pesquisa para a comunidade (ela tem que permitir);
2. Apresentar o projeto para o Conselho Gestor do ICMBIO;
3. Cadastrar o projeto no Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO), objetivando autorização do Ministério do Meio Ambiente para a realização da pesquisa.

Após o cumprimento dos “rituais” a serem cumpridos descortinou-se o campo para a pesquisa.

O Campo de Pesquisa

O Lago do Cuniã é uma Reserva Extrativista (Resex) criada pelo Decreto Federal nº 3.238, de 10 de novembro de 1999, está inserida no Sistema Nacional de Unidades de Conservação - Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2.000. Nesta Resex habita uma comunidade de pescadores e agricultores de subsistência. Localizada à margem esquerda do rio Madeira, situa-se na parte nordeste do Estado, próximo aos limites com o Estado do Amazonas, e possui uma área de 55.850 hectares, é formada por mais de sessenta lagos ligados por um igarapé de nome Cuniã, que deságua no Rio Madeira a jusante da cidade de Porto Velho, a uma distância em média de 130 km (figura 1).

Figura 1 Reserva Extrativista do lago do Cuniã



Fonte: ICMBIO/2011

A Reserva Extrativista do Lago do Cuniã, uma das mais novas Resex de Rondônia, é geograficamente afastada do centro urbano do Estado, com sua população vivendo praticamente em situação de isolamento. Ressaltando que a comunidade ribeirinha do Cuniã, localizada no Baixo rio Madeira, Rondônia, é fruto do primeiro período de ocupação da Amazônia, que remete aos Ciclos da Borracha que ocorreram no último quartel do século XIX e meados do Século XX, seus habitantes chegaram à região antes mesmo da criação do estado de Rondônia, e sua identidade étnica está associada à dos migrantes, em especial nordestinos e povos ameríndios amazônicos, sendo consideradas atualmente comunidades tradicionais (CÂNDIDO, 2010, p. 30).

As vias de acesso à Reserva Extrativista Lago Cuniã são: fluvial, através de um igarapé distante 30km e por via terrestre, por uma trilha com 10km, ambos os meios 10 partem de São Carlos do Jamari, o primeiro meio de transporte leva cerca de 4h de voadeira.

Nesse ponto, acredita-se que seja pertinente ressaltar detalhes da viagem realizada e da estadia no Lago do Cuniã. Os pesquisadores saíram às 5 horas da manhã do dia 16 de abril de 2011, de voadeira, aos primeiros raios do sol (figura 2)

foi possível vislumbrar as águas do Rio Madeira rumo, até aquele momento, a um lugar desconhecido, porém, com a certeza que era seria o local adequado a pesquisa.

Figura 2 O amanhecer nas águas do Rio Madeira



Acervo de Neves Oliveira, 2011.

No trajeto até a Resex foram visitadas outras comunidades ribeirinhas: São Carlos, Nazaré (figura 3 e 4), chegando ao local por volta de 10 horas, a comunidade já estava reunida, pois outras entidades já estavam na localidade (Emater, Secretaria Municipal de Agricultura, Associação de Pescadores). A comunidade estava recebendo o apoio destes órgãos, na criação da COOPCUNIÃ (Cooperativa de Moradores, Agricultores, Pescadores e Extrativistas da Resex do Lago do Cuniã), este evento era uma iniciativa do ICMBIO. A fala dos pesquisadores já fazia parte do cerimonial do evento, ocasião em que foi apresentado o projeto para a comunidade, a qual demonstrou boa aceitação, permitindo, portanto, a realização da pesquisa.

Figura 3 Comunidade Ribeirinha Nazaré



Acervo de Neves Oliveira, 2011.

Figura 4 Igreja Católica na comunidade ribeirinha de São Carlos



Acervo de Neves Oliveira, 2011.

Após a visita à comunidade e consequente apresentação do projeto, a pesquisadora recebeu a autorização do órgão competente para a realização do trabalho (em anexo). A viagem de retorno ocorreu no dia 17 de abril de 2011.

Figura 5 O por do sol nas águas do Lago do Cuniã



Acervo de Neves Oliveira, 2011.

Figura 6 Uma casa tipicamente ribeirinha comunidade Araçá



Acervo de Neves Oliveira, 2011.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho permitirá encarar o triângulo “Língua, Sociedade e Cultura” de uma forma em que nenhum dos vértices seja o princípio, nem o meio, nem o fim, em que a cultura é tudo, a sociedade é tudo o que rodeia o indivíduo e o molda, e tudo comunica. Assim, os conceitos fundem-se e são dinâmicos ao ponto

de convergirem direcionados para um mesmo ponto - a evolução do Homem como ser falante, social, transformador e emancipador.

A partir dos instrumentos de pesquisa, inspirados nos modelos teóricos da Pesquisa Quantitativa (concepções Labovianas) e Pesquisa Qualitativa (concepções Malinowskianas), buscaremos proceder a uma análise linguística, de modo a identificar Marcas Sócio-linguístico-culturais da Comunidade Ribeirinha da Resex do Lago do Cuniã, de modo a fomentar projetos que promovam a preservação da língua e da cultura dessa comunidade, conseqüentemente, zelar pela preservação da identidade deste povo.

As comunidades ribeirinhas, no cenário amazônico, ocupam um papel extremamente relevante, entretanto, pouco lembrado no momento em que a Sociedade quebra velhos paradigmas e abre campo para um novo cenário em que a qualidade de vida das populações é destaque. Tais comunidades merecem ter seus valores culturais preservados, pois abarcam todo o seu jeito de ser, em todas as nuances, reconhecidas em vários âmbitos sociais, inicialmente pelo educacional, que compreende mecanismos de valorização e inclusão social, possibilitado aos povos ribeirinhos que suas leituras de mundo sejam ampliadas de forma a potencializar suas atividades em prol de uma existência digna, em primeiro lugar.

Ousamos finalizar afirmando que a língua retrata a alma de um povo, e que é só a partir dela que conseguiremos estudar, analisar qualquer fenômeno, em qualquer comunidade de fala que nos propusermos realizar estudos sociolinguísticos. Neste sentido, a língua caracteriza-se como um instrumento poderoso como fonte de pesquisa.

Referências Bibliográficas

- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é como se faz*. São Paulo: Loyola, 2004.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- BURGEILE, Odete & ROCHA, Júlio César Barreto (Org.). *Estudos em Linguística Aplicada: multiculturalismo e ensino-aprendizagem de línguas*. Porto Velho: EDUFRO, 2009.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: Uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2007.

LABOV, William. *Sociolinguística: uma entrevista com William Labov*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - Revel. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero.

LOPES, Lúcio. *Filosofia política*. 2010. Disponível em: <http://filoparanavai.blogspot.com/2010/05/filosofia-politica-conceituando.html>, acesso em 12 de abril de 2011.

LYONS, John. *Linguagem e linguística: Uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Objetivo, método e alcance desta pesquisa*. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando as máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. *História, desenvolvimento e colonização do estado de Rondônia*. Porto Velho: Dinâmica, 2001.

PESSOA, Maria do Socorro. *Aprendizagem da docência: pesquisas sociolinguísticas e ensino de línguas*. In: COLARES, Maria Lilia Imbiriba & XIMENES-ROCHA, Solange Helena. *Aprendizagem da docência: reflexos sobre os cursos de formação, a inserção profissional e as recentes pesquisas na área*. Curitiba: CRV, 2009.

PETTER, Margarida. *Linguagem, língua, linguística*. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2003.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. São Paulo: Nacional, 1982.

SOARES, M. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acessado em 10 de novembro de 2011.

XAVIER, Gicelma Cláudia da Costa. *A formação de professores de língua portuguesa como meio de resgate e reconhecimento e preservação dos valores sócio-etnolinguísticos, dos ribeirinhos de Pimenteiras do Oeste, Rondônia, Brasil*. Disponível em <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg40/04.pdf>. Acessado em 10 de novembro de 2011.